

Mundo exterior

mais ricos

Brasília, México, Argentina e Colômbia entregam carta aos países que participarão da reunião de cúpula em Londres pedindo soluções para a dívida.

Nossa mensagem aos 7 países

Brasil, México, Argentina e Colômbia entregam carta aos países que participarão da reunião de cúpula em Londres pedindo soluções para a dívida.

O BRASIL E O MUNDO

O ESTADO DE S. PAULO — Terça-feira, 5-6-84

Os chefes de governo dos sete países mais rico do Ocidente recebem hoje uma carta dos presidentes da República do Brasil, México, Argentina e Colômbia alertando para os termos do documento anexo: a nota oficial divulgada dia 19 de maio por Brasília, Cidade do México, Buenos Aires e Bogotá, expõe as dificuldades enfrentadas pela América Latina para pagar sua dívida externa. O texto da carta somente poderá ser divulgado amanhã, segundo o porta-voz do Itamaraty, Bernardo Pericás.

Já o chanceler Saraiva Guerreiro, após reunião de duas horas no Palácio do Planalto com os ministros Delfim Neto, do Planejamento e Ernane Galvães, da Fazenda, reiterou ontem que o Brasil não está pensando em declarar moratória, "mesmo parcial", e nesse sentido não será influenciado por decisões unilaterais de outros países que adotaram tal decisão. O Brasil não está nesse caso extremo, frisou o chanceler, salientando, também, que nunca teve divergências com o ministro do Planejamento sobre a questão da dívida externa brasileira.

Na reunião, foram debatidos os temas principais a serem defendidos pelo Brasil no encontro com os demais países devedores, em local ainda não fixado, mas possivelmente nos próximos dias 21 e 22, e não mais a 14 e 15, segundo Guerreiro. A posição do governo será um desdobramento do comunicado feito há duas semanas pelos presidentes do Brasil, Argentina, Colômbia e México, e o chanceler considerou que a atitude é racional e consciente, devendo sensibilizar os sete países desenvolvidos que estarão reunidos em Londres, a partir de quinta-feira.

Da parte dos países credores, Guerreiro disse que espera uma reação positiva e uma reflexão conjunta sobre os problemas que advirão a médio e longo prazo. Isso não significa, segundo o chanceler, que os países devedores não promovam o reajustamento de suas economias, como no caso brasileiro, que poderia acontecer independentemente do acordo com o FMI, e frisou que os países desenvolvidos e os em desenvolvimento têm suas economias inexoravelmente ligadas.

O chanceler observou que outros países latino-americanos poderão participar do encontro, e apontou como aspecto de interesse comum a redução das taxas de juros, a abertura de mercados e a ampliação dos prazos de pagamento. Os países devedores gostariam de receber pelo menos "um respiro" a ser conseguido com os reajustamentos dos débitos, observou Guerreiro, ressaltando ter esperança na fixação de uma taxa especial de juros "que torne mais previsível a situação dos países devedores".

Poderá ser adiado, para o período entre 20 e 22 deste mês, o encontro que países latino-americanos realizarão, para debater seus problemas de dívida externa. Bogotá foi definitivamente excluída como sede da reunião. Inicialmente ela esteve muito cotada.

Repercussões

O governo Figueiredo está "moderadamente animado" com a consciência que começa a ser formada, entre os países industrializados, para o problema da dívida externa das nações latino-americanas. A esperança é de que essa consciência, que começou a crescer principalmente após a nota conjunta do dia 19, se torne mais evidente com os novos passos que os países em desenvolvimento pretendem dar.

O governo brasileiro está recolhendo e examinando uma série de repercussões da nota conjunta de 19 de maio e do problema da dívida em seu conjunto. O influente jornal norte-americano *Washington Post* publicou dois editoriais — considerados "fortíssimos", alertando o governo Reagan e os demais países ricos para o agravamento da situação econômico-financeira mundial. Outro ponto de destaque foi a importância que o Japão está devotando ao assunto. O governo japonês concordou que um longo trecho focalizando o problema figurasse na nota conjunta assinada pelos dois países durante a recente visita do presidente Figueiredo a Tóquio.

Pierre Salinger, ex-porta-voz do ex-presidente John Kennedy e atualmente um influente jornalista, fez duas perguntas à primeira-ministra da Grã-Bretanha, Margaret Thatcher, em recente entrevista. Uma delas referia-se à dívida externa dos países latino-americanos e Thatcher demonstrou "encorajador interesse pelo tema".

A comitiva do presidente Figueiredo viu, na TV norte-americana, ao voltar de Tóquio e Pequim, outra reação significativa. Em Los Angeles, o presidente de uma das maiores corporações dos Estados Unidos alertou seu governo e os dos outros países industrializados para os riscos que estavam correndo. Ele disse que as nações pobres "não concordarão em permanecer o resto da vida colhendo cana no pampa 24 horas por dia".